

CARACTERÍSTICAS TIPOLÓGICAS DO REGIONALISMO GAÚCHO

Maria Eunice Moreira

Propor uma tipologia para a prosa de ficção regionalista sul-rio-grandense foi o objetivo de um trabalho escrito e apresentado como Dissertação de Mestrado, na PUCRS, em novembro de 1979. Para o referido trabalho, a corrente regionalista — ainda que estudada em relação às condições culturais peculiares do Rio Grande — foi analisada tomando-se por referência quatro indicadores: as paisagens e os "casos"; o herói e outras personagens; o tempo; o espaço da gauchesca.

Com esse objetivo, foram analisados onze livros de textos em prosa considerados regionalistas e que constituíram o "corpus" básico da dissertação. São eles:

1. **O Vaqueano (VA)**¹, de Apolinário Porto Alegre (1872);
2. **Paisagens (PA)**, de Iriema² (1875);
3. **Os Farrapos (FA)**, de Luís Alves Leite de Oliveira Bello (1877);
4. **Ruínas Vivas (RV)**, de Alcides Maya (1910);
5. **Tapera (TA)**, de Alcides Maya (1911);
6. **Contos Gauchescos (CG)**, de João Simões Lopes Neto (1912);
7. **Nas Coxilhas (NC)**, de João Fontoura (1912);
8. **Casos do Romualdo (CR)**, de João Simões Lopes Neto (1914);
9. **Terra Gaúcha (TG)**, de Roque Callage (1914);
10. **Rincão (RI)**, de Roque Callage (1921);
11. **Alma Bárbara (AB)**, de Alcides Maya (1922).

No decorrer do estudo desses textos foi salientado um conjunto de traços básicos que, a exemplo de vigas, sustentam os textos ficcionais e parecem suficientes para configurar a tipologia. Essa tipologia, de forma simples, é ressaltada desde as primeiras leituras, sendo obtida através de uma caracte-

ística: a repetição. Repetidos são os títulos e subtítulos das obras, assuntos, tipos humanos e ações, como se pode comprovar:

— Títulos e subtítulos:

A Tapeira (PA), Tapera (TA), O monarca das coxilhas (PA), Monarcas (AB), No pago (TA), Na estrada (TA), Na estância (TG), Memória (TG), Nostalgia (RI), Saudade (TG), Seca (TG), Aspectos de cheia (RI), Cenários (RI), Água parada (AB).

— Assuntos:

Revoluções, guerras, paisagens, herói (gaúcho), charqueadas, duelos, contrabandos, assassinatos, locomotivas, animais, costumes em geral, a lealdade, a vingança, a honestidade, a honra, a bravura.

— Tipos humanos:

O peão, o capataz, o militar, o contrabandista, o carneador, o fazendeiro, o intelectual, o estrangeiro, o negro, as crianças, o gaúcho jovem, o carreteiro, o andarengo.

— Ações:

Correr, pelear, guerrear, lutar, matar, narrar, domar, jogar, andar a cavalo, marcar.

A partir dessas características pode-se propor a seguinte tipologia para a prosa de ficção regionalista sul-rio-grandense:

CARACTERÍSTICAS TIPOLÓGICAS

Os contos focam o gaúcho em suas atividades básicas: pastoreio ou guerra, a paisagem e os animais da região que o cerca, a Campanha, em oposição ao homem, à paisagem e aos costumes da cidade que lhe são estranhos, estabelecendo-se a oposição passado/presente, reflexo de outra: o tempo bom e o tempo mau.

Entretanto, há que se ressaltar que certos textos aproximam-se mais do modelo a ser definido do que outros. Nesse sentido,

· Paisagens, de Apolinário Porto Alegre;

· Nas coxilhas, de João Fontoura, estão mais distantes do modelo, sem, contudo, contrariar suas tendências. Os outros livros de contos

- Tapera e Alma bárbara, de Alcides Maya;
- Rincão e Terra gaúcha, de Roque Callage, ocupam um ponto bastante central em relação ao modelo. Já
- Contos gauchescos e Casos do Romualdo, de Simões Lopes Neto, constituem tentativas de rompimento do modelo.

De modo geral, todas as obras estudadas cooperam para a definição de um modelo com as seguintes características básicas, itemizadas a seguir.

1. Quanto ao paisagismo

- A maior parte dos textos funciona como cenas estáticas ao leitor. Mais parecem fotografias, clichês do que propriamente contos. Desde uma primeira leitura ressalta a correspondência texto-fotografia.
- A repetição e a semelhança aparecem nos elementos mais exteriores. Repetem-se ou assemelham-se os títulos e subtítulos dos livros, geralmente conduzindo para a designação estática dos lugares.
- O texto de abertura dos livros realiza, muitas vezes, uma apresentação da paisagem, exaltando um elemento particular da região ou o próprio homem nela inserido.
- A função referencial é privilegiadamente empregada, quando é focada a realidade, o ambiente físico, cabendo à função poética realizar seu ornamento. A ênfase recai sobre a primeira que se socorre da segunda como elemento auxiliar, isto é, para "bordar" o texto. Configura-se, então, o que Lígia Moraes Leite denominou "mancha"³.
- A tendência para a descrição leva ao aparecimento de páginas inteiramente descritivas e autônomas, colocadas entre os casos narrados. Tais textos exploram intensamente elementos como taperas, lagoas ou até uma cruz.
- A preocupação em descrever o cenário aparece também como recurso para a valorização da técnica narrativa. Assim, o paisagismo pode ocorrer para:
 - afrouxar a narração, pelo peso com que esta vem se desenvolvendo. Caso típico dessa situação é utilizado por Simões Lopes que se vale da descrição, em "Trezentas Onças" (CG 9), para aliviar a tensão de sua narrativa. A descrição, aqui, suspende o conto, tornando-se um efeito de valor;
 - introduzir o texto para não cair, de imediato, na narração. A atenção do leitor é solicitada: "Está vendo aquele umbu..." parecendo realizar-se a função fática da linguagem, como para atrair a atenção do interlocu-

tor. O narrador adquire a atenção do leitor através da descrição da paisagem;

- caracterizar a oposição passado/presente. A paisagem é o foco para onde o leitor deve olhar fixamente. Dá-se, então, uma descaracterização do objeto enquanto tal, que se torna signo de um tempo que se deseja perpetuar.

Certos textos personificam a paisagem: animais, acidentes geográficos deixam de ser inanimados para adquirir personificação. A eles são associados verbos como ver, sentir, recordar. Nesse processo, ainda, a paisagem pode tornar-se tão viva que se estabelece um vínculo de intimidade entre ela e o homem, como em "Água Parada" (AB, 9).

Quadro-resumo: Paisagismo

TIPOS	DESCRIÇÕES AUTÔNOMAS	DESCRIÇÕES CONECTIVAS
Emprego	. Textos de Abertura	. Textos Intermediários
Características	. Clichê	. Clichê + Conto + + Clichê + Conto
Elementos	. Taperas, Lagoas, Cruzes	. Seca, Estância, Carniça, Charqueada, Carcaça, Cheia
Objetivo	. Exaltação	. Introdução ou Suspensão da Narrativa . . Caracterização da Oposição Passado/ Presente

2. Quanto ao "caso"

- . A grande maioria dos textos analisados não constitui um conto verdadeiro. Há uma tendência para a narrativa estática, predominância da descrição, utilização do foco externo e emprego da terceira pessoa do singular.
- . As narrativas, não sendo contos, apresentam uma inovação: uma espécie de conto marcado, que é o "caso". Enquanto o primeiro é ficção, o "caso" quer ter estatuto de "caso real", levando o seu narrador a apresentá-lo num discurso convincente de sua realidade.
- . A marcação do "caso" pode se efetivar através:

- da definição de seu estatuto, pela presença da própria palavra "caso": "Mas isto é outra cousa; vamos ao "caso";
- da presença de certos verbos que lhe asseguram sua condição: contar, relatar e outros que refletem o preparo para o relato: ouvir, escutar;
- da existência de certas expressões da linguagem coloquial como, por exemplo: "... Pois foi assim".

- . O "caso" pode irromper tanto no início da narrativa, como que a absorvendo ou, ainda, no seu decorrer.
- . A personagem transforma-se em narrador-personagem, utilizando-se da primeira pessoa do singular para assegurar a autenticidade e a veracidade do relato.
- . A invocação de testemunhas, presentes ou ausentes, é outra maneira utilizada para comprovar ao ouvinte a realidade do "caso".

Quadro-resumo: "Caso"

TIPOS	CONTO	CASO
CARACTERÍSTICAS	. Narrativa Estática	. Narrativa Dinâmica
	. Predominância da Descrição	. Predominância da Narração
	. Foco Externo	. Foco Interno
	. 3. ^a Pessoa do Singular	. 1. ^a Pessoa do Singular
	. Narrativa Não Marcada	. Narrativa Marcada
	. Presença de Narrador	. Presença de Narrador- -Personagem
	. Ausência de Testemunhas	. Invocação de Testemunhas
	FICÇÃO	REALIDADE

3. Quanto ao herói e outras personagens

3.1. No seu modo de ser

O estudo dos textos, ainda que não registre um número excessivamente elevado de personagens, permite que se proponha o seguinte agrupamento:

— 1º grupo:

- Os textos apontam como herói da ficção o tipo ideologicamente reconhecido como gaúcho — o homem da Campanha, ligado às atividades pastoris, e não, por extensão, todo o habitante do Rio Grande do Sul.
- O herói se opõe ao anti-herói, entendido este como todo elemento não representativo da classe do gaúcho: o habitante da serra, o gringo, o castelhano, o estrangeiro, de modo geral, e o gaúcho que deixa de preencher os atributos físicos e morais que o consagram como tipo.
- O atributo básico do herói é o telurismo, a ligação com a terra. Do telurismo decorrem suas características físicas e morais.
- Os atributos físicos e morais que identificam o gaúcho são evidenciados, nos textos, por forte adjetivação.
- O modelo físico, salvo pequenas variantes, pode ser assim representado: delgado, queimado de sol, moreno, olhos pretos, nariz adunco, boca rasgada, olhar de gavião, vista aguda, ouvido fino, voz alta e grossa — enfim, talhado em granito.
- A complementação do modelo pode ser feita tomando-se por referência alguns eixos, com o acréscimo de:
 - eixo valentia/força/virilidade: audácia, altivez, coragem, destemor, astúcia, virilidade, honra, energia, heroísmo, violência;
 - eixo saúde: resistência, potência, ingestão de alimentos fortes e bebida amarga, alegria.
- O elenco dos atributos morais evidencia um modelo cujo caráter é assim delineado:
 - eixo valentia/força/virilidade: honradez, dureza, lealdade, franqueza, bondade, desprendimento, fidelidade, jovialidade, liberdade, sensibilidade;
 - eixo saúde: limpeza, igualdade, liberdade.
- Certos elementos exteriores, principalmente ligados ao vestuário e meio de transporte do herói, podem ser interpretados como reflexos de sua integridade física e moral, e sintoma de sua resistência, tanto física quanto moral.
- A presença de determinadas palavras ou expressões encerra toda a fortaleza física e moral que constitui o tipo do gaúcho, assegurando-lhe, inclusive, a posição de verdadeiro monarca, como, por exemplo: gaúcho de raça, figura espartana da raça heróica, estirpe gaúcha.

- O telurismo, sendo o atributo básico do herói, determina a configuração do anti-herói, entendido como o elemento não vinculado à terra.
 - O afastamento da terra, por conseguinte, é responsável pela apresentação de uma personagem que, em tudo, se opõe ao herói.
 - O retrato do anti-herói o aponta como um tipo loiro, de olhos azuis, pequeno.
 - Enquanto as características físicas do herói exaltam sua resistência e saúde, as do anti-herói apelam para sua debilidade:
 - eixo covardia/fraqueza/debilidade: delicadeza, fragilidade, covardia;
 - eixo doença: fraqueza, impotência, ingestão de doces e bebidas fracas.
 - O quadro de atributos morais também reflete ser ele mau-caráter:
 - eixo covardia/fraqueza/debilidade: desonra, moleza, deslealdade, dissimulação, maldade, ambição, insensibilidade;
 - eixo saúde: corrupção, desigualdade e restrição.
 - Certos elementos exteriores, principalmente ligados ao vestuário e meio de transporte, refletem sua pouca ou nula integridade física e moral, bem como sua pouca ou nula resistência física e moral.
 - Há expressões que condensam toda a carga de antipatia que lhe reserva o gaúcho. Por isso, o anti-herói é o gringo, o castelhano, são os lamões, os paraguaios...
- 2º grupo:
- Os textos registram a existência de outras personagens, geralmente homens, que não se enquadram nos modelos do herói e do anti-herói, ainda que possuam características de herói — valentia, força, virilidade — e do anti-herói — maldade, traição.
 - Essas personagens sofreram a degradação imposta pelo meio. Tornaram-se maus porque o meio ambiente assim os fez. Exemplificativamente, encontram-se nessa categoria o charqueador, o bandido, o contrabandista.
 - Tais personagens podem ser representadas pelos velhos, antigos gaúchos, que se encontram deslocados pela transformação e evolução das condições sociais: o gaiteiro, o tocador, o carreteiro, como também pelos heróis degradados pela civilização.

Quadro-resumo: Herói e anti-herói

HERÓI		ANTI-HERÓI	
Atributo Básico: Telurismo		Atributo Básico: Não Telurismo	
COMPLIÇÃO FÍSICA/MORAL			
<ul style="list-style-type: none"> . Moreno . Olhos Pretos . Alto . Tostado de Sol . Sentidos Aguçados 		<ul style="list-style-type: none"> . Loiro . Olhos Azuis . Baixo . Não Tostado de Sol . Sentidos Não Aguçados 	
Eixo Valentia/Força/Virilidade	Físicos: audácia, altivez, coragem, destemor, astúcia, virilidade, honra, energia, heroísmo, violência	Eixo Covardia/Fraqueza/Debilidade	Físicos: delicadeza, fragilidade, covardia, temor, desonra, fraqueza
	Morais: honra, dureza, lealdade, franqueza, bondade, despreendimento, fidelidade, jovialidade, sensibilidade, liberdade		Morais: desonra, moleza, deslealdade, dissimulação, maldade, ambição, insensibilidade
Eixo Saúde	Físicos: resistência, potência, ingestão de alimentos pesados e bebida amarga, alegria	Eixo Doença	Físicos: impotência, ingestão de doces e bebidas fracas
	Morais: limpeza, igualdade, liberdade		Morais: corrupção, desigualdade, restrição
VESTUÁRIO			
<ul style="list-style-type: none"> . Bombacha . Bota . Tirador de Couro 		<ul style="list-style-type: none"> . Calça . Botim . Pala de Seda 	
TRANSPORTE			
<ul style="list-style-type: none"> . Cavalo 		<ul style="list-style-type: none"> . Carro . Carreta 	

— 3º grupo:

- . Há personagens que aparecem nos textos e que não se enquadram em nenhuma das situações anteriormente mencionadas. São as mulheres, os negros, as crianças.
- . Quanto às mulheres, pode-se afirmar que:

- não chegam a assumir um papel de heroína nos textos. A elas cabe mais a função de mãe e companheira, colocando-se numa situação de submissão, mais pacientes que agentes;
- a estranha ao pago, a estrangeira, é principalmente apontada como a responsável pela decadência e subversão do gaúcho autêntico.

- . Quanto aos negros, verifica-se que:

- não são muitos os textos que apresentam a figura do negro, mas sua presença é associada à do diabo;
- são apresentados com características de herói (valentia, força) e de anti-herói (maldade), como o negro Bonifácio, mas que se impõe por ser tauru. As mulheres negras também são assim representadas.

- . Quanto às crianças, constata-se que:

- já possuem características do herói: voz ou fala da raça;
- assumem posição de criança autêntica, podendo, nesse caso, ser motivo para o relato de feitos passados ou análise da realidade.

No seu relacionamento social:

- . O relacionamento social, estudado em função de duas atividades básicas — pastorear e guerrear — oportuniza o aparecimento da relação patrão/peão e comandante/soldado, respectivamente.
- . A leitura dos textos evidencia a relação de igualdade entre superiores e inferiores, não implicando em preconceito de classe.
- . Esta situação é comprovada na execução de atividades comuns, participação em festas e através de exemplos que refletem a amizade, hospitalidade e fraternidade entre patrão e peão.
- . A relação comandante/soldado também não acentua o distanciamento entre as classes, apresentando as chefias como figuras solícitas e igualitárias.

- A igualdade é ressaltada no tratamento, nos hábitos, na alimentação, no vestuário e no modo de guerrear.
- Os textos, contudo, indicam um rompimento na configuração do modelo, ao referir-se à desigualdade com que é tratado o negro.

No seu relacionamento com a natureza:

- O relacionamento com a natureza é apresentado através de dois aspectos: relações com o mundo vegetal e relações com o mundo animal.
- Os textos revelam duas atitudes nas relações homem-natureza: uma relação de igualdade, outra, uma relação de superioridade da natureza face ao homem.
- A relação de igualdade é observada através:

- do conhecimento que o homem possui sobre os acidentes físicos de determinada região;
- das comparações entre homem/vegetal e homem/animal;
- da personificação da natureza.

- Numa relação de superioridade, a natureza adquire, para o homem, um sentido sobrenatural, alicerçado, principalmente, na superstição.

3.2. No seu modo de fazer

- Os textos revelam o fazer sempre relacionado a duas atividades básicas: pastoreio e guerra.
- O elenco de ações pode apresentá-las relacionadas a:
 - atividades de trabalho: pastoreio (domar, marcar, parar rodeio, correr equada, carnear, charquear, carretear...) e guerreiras (pelear, saquear, matar, degolar, fugir, prender, violar, ferir...);
 - costumes: tomar mate, comer churrasco, fumar;
 - diversões: jogar, dançar, correr a cavalo, trovar.
- Três verbos resumem todas as ações levantadas nos textos: contar, fazer (propriamente dito) e divertir.
- Todas essas ações encontram-se impregnadas de um elemento: a violência, base de todo o fazer.

Quadro-resumo: Ações

GRUPOS	1.º	2.º		3.º	
VERBOS	CONTAR	FAZER		DIVERTIR	
		Pastoril	Guerreiro	Costumes	Diversões
	Contar	Domar	Pelear	Tomar Mate	Jogar
	Narrar	Marcar	Saquear	Comer Churrasco	Dançar
	Relatar	Parar Rodeio	Matar	Fumar	Trovar
		Correr e Carnear	Degolar		Correr a Cavalo
		Charquear	Fugir		
		Carretear	Prender		
			Violar		
			Ferir		
		VIOLÊNCIA			

4. Quanto ao tempo

- Os textos evidenciam forte oposição entre dois tempos: passado e presente, privilegiando o primeiro.
- O passado assoma como o tempo da união porque:
 - é o tempo do nascimento do herói;
 - é o tempo da organização sócio-econômica ideal (ausência da noção de posse e unidade da terra);
 - é o tempo das lutas;
 - é o tempo da liberdade.
- Em oposição ao passado, o presente é apresentado como o tempo da divisão, em consequência de:
 - degradação do herói;
 - perda da organização sócio-econômica ideal;
 - presença de paz;
 - tempo de restrição.
- A visão do presente é ofuscada pela visão do passado, o que se pode verificar:
 - pela descrição da paisagem, que é foco de deslocamento para o pretérito;
 - pela comparação das personagens atuais à figura do gaúcho;
 - pela comparação das atividades hodiernas com as pretéritas.

- A maior parte dos textos, portanto, colocam o momento da fábula e o momento da trama separados no tempo.
- O "caso" torna-se, por excelência, a maneira encontrada para presentificar um passado idealizado.

Quadro-resumo: Tempo

TEMPO		PASSADO	PRESENTE
Fatores	Positividade	Nascimento do Herói	Degradação do Herói
		Organização Sócio-econômica Ideal	Perda da Organização Sócio-Econômica
		Tempo de Luta	Tempo de Paz
		Tempo de Liberdade	Tempo de Restrição
CARACTERÍSTICA		UNIÃO	DIVISÃO

5. Quanto ao espaço

- Os textos comprovam a exclusividade espacial em torno de uma única região: a Campanha.
- A importância dessa região é tal, que passou a identificar todo um estado, projetando o que se denomina a ideologia gaúcha.
- A referência à Campanha, nos textos, é observada:
 - por referência objetiva à zona campanhense;
 - pela descrição das características da paisagem;
 - pela apresentação da região como o lugar de desenvolvimento de episódios históricos;
 - pela circunscrição física da região.
- A Campanha é compreendida como elemento-matriz e dela advém os atributos físicos e morais que caracterizam o tipo gaúcho.
- Os elementos estranhos ao solo são considerados como estrangeiros, valendo esse critério para distinção tanto do homem como do animal.
- O afastamento do gaúcho da terra-mãe resulta na perda de sua identidade.

Um caso especial:

Dois dos livros estudados, **Contos gauchescos** e **Casos do Romualdo**, ambos de Simões Lopes Neto, merecem uma referência particular, já que, ao contrário da maior parte dos textos, são tentativas de romper com o modelo estabelecido.

A partir do título dos livros, evidencia-se uma diferença. Enquanto a maior parte dos livros não se situa na esfera propriamente do conto, as duas obras citadas possuem tal característica. Assim, enquanto o modelo tende mais à estaticidade, descreve coisas, utilizando-se do foco externo, as narrativas de Simões Lopes possuem características diversas: são dinâmicas, narram acontecimentos, utilizam-se do foco interno, constituindo-se em verdadeiro processo.

Por outro lado, o escritor pelotense inovou em relação à técnica narrativa. Seus textos, escritos em primeira pessoa, ao contrário da terceira, fogem à regra e dão um cunho de veracidade às narrativas. Os depoimentos de Blau assumem, dessa maneira, caráter incontestável.

Também em relação ao tratamento da paisagem percebem-se desvios. Nota-se que não existe uma tendência para a pintura de grandes painéis. Mesmo nos textos que se referem à paisagem ou que a descrevem, não há a preocupação em pintar o texto. Aqui, a paisagem serve mais à suspensão ou ao afrouxamento da narrativa do que de sua moldura.

Textos constituídos exclusivamente por descrições autônomas, como se observa em outros livros, não existem em **Contos gauchescos**. Em "Trezentas Onças", (CG, 9), onde se verifica uma ênfase maior na descrição, esta tem um papel desencadeador da ação. Blau interpreta mensagens dos elementos cósmicos e de animais, e a narrativa vai sendo estimulada por eles. Da mesma forma, em "Jogo do Osso", (CG, 97) a descrição do jogo do osso não constitui painel algum. Mais uma vez o que se dá é um retardamento e uma preparação para a violência que será relatada.

Com relação às personagens, se bem que Simões Lopes não fuja à regra de apresentar atributos como valentia, lealdade, em relação ao herói, não há uma preocupação em vinculá-lo tão radicalmente como um herói telúrico. Por exemplo, o negro Bonifácio possui muito de um herói, sem ser determinante seu apego à terra.

Em relação a outro aspecto pode também **Contos gauchescos** distanciar-se do modelo. Trata-se do desapego das narrativas, que não estão circunscritas a uma região determinada, entendida como a Campanha. Tal observação é confirmada e justifica-se através de Blau. Como menciona Antônio Hohlfeldt, "Blau descreverá a geografia de suas andanças, que abarca toda a província," pois ele cruzou "o nosso Estado em caprichoso ziguezague"⁴.

Analisando-se **Casos do Romualdo**, vê-se que vale para esta obra as características ressaltadas em **Contos gauchescos**: alteração da técnica narrativa, ausência de paisagismo, deslocamento espacial.

Mas é na caracterização de um tipo que sobressai a diferença. Ainda que Romualdo seja valente, corajoso, leal, prezando a liberdade, a partir de sua descrição física parece caracterizar-se o oposto do gaúcho: é baixinho e ruivo, quebrando-se o modelo à primeira vista. Além do mais, Romualdo, como os gaúchos, conta, relata, mas em seu relato inventa, acrescenta, aumenta. Nesse sentido, o que Simões Lopes provoca não é um afastamento do modelo enquanto tal, mas um distanciamento de sua idealização, apontando para uma outra faceta do gaúcho: a do fanfarrão, tagarela, "queimador de campo", quase cômico.

Num trabalho intitulado "Pode parecer exagero..."⁵, Maria Luiza de Carvalho Armandó realiza um estudo centrado na personagem Romualdo e aponta para o processo hiperbólico de que se valeu Simões Lopes para apresentá-lo. Segundo a Autora, o gaúcho sempre foi um marginal, da propriedade e do poder. Sua fanfarrice deveria ser entendida "como a necessidade inconsciente de autocompensar-se"⁶.

NOTAS

- 1 As citações transcritas dos livros analisados serão identificadas pelas siglas acima adotadas.
- 2 Pseudônimo de Apolinário Porto Alegre. VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*. Porto Alegre, A Nação: IEL/SEC, 1974, p. 392.
- 3 LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Regionalismo e modernismo*. São Paulo, Ática, 1978, p. 41.
- 4 HOHLFELDT, Antônio. A história gaúcha em três lendas de J. S. Lopes Neto. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 5 maio 1979. Caderno de Sábado, n. 565, p. 8.
- 5 ARMANDO, Maria Luiza de Carvalho. Pode parecer exagero... *Correio do Povo*, Porto Alegre, 7 out. 1972. Caderno de Sábado, n. 242, p. 10.
- 6 *Ibidem*, p. 11.

BIBLIOGRAFIA

- ARMANDO, Maria Luiza de Carvalho. Pode parecer exagero... *Correio do Povo*, Porto Alegre, 7 out. 1972. Caderno de Sábado, n. 242, p. 10-1.
- CALLAGE, Roque. *Terra gaúcha: cenas da vida rio-grandense*. Gráf. I. E. T. da Escola de Engenharia, 1914.
- _____. *Rincão* (cenas da vida gaúcha). Porto Alegre, Globo, 1924.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo, Nacional, 1976.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo, 1971.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza et alii. *Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira*. Porto Alegre, Movimento, IEL/SEC, 1973.
- FONTOURA, João. *Nas coxilhas: contos gaúchos*. Rio de Janeiro, Gomes Pereira, 1912.
- HOHLFELDT, Antônio. A história gaúcha em três lendas de J. S. Lopes Neto. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 5 maio 1979. Caderno de Sábado, n. 565, p. 8-9.
- IRIEMA, pseud. Apolinário Porto Alegre. *Paisagens*. Porto Alegre, Imprensa Literária, 1975.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Regionalismo e modernismo*. São Paulo, Ática, 1978.
- MAYA, Alcides. *Ruínas vivas*, romance gaúcho. Porto, Liv. Chardon, 1910.
- _____. *Alma bárbara*. Rio de Janeiro, Tip. Literária Pimenta de Mello e Cia., 1922.
- _____. *Tapera*, cenários gaúchos. Rio de Janeiro, F. Brigulet e Cia. Ed., 1962.
- OLIVEIRA BELLO, L. A. L. de. *Os farrapos; esboço de um romance brasileiro*. Rio de Janeiro, Tip. da Reforma, 1877.
- PORTO ALEGRE, Apolinário. O vaqueano. In: *NOVELAS brasileiras*. São Paulo, Cultrix, 1963.
- SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Globo, 1930.
- SIMÕES LOPES NETO, João. *Casos do Romualdo*. Porto Alegre, Globo, 1976.
- _____. *Contos gauchescos*. Porto Alegre, Globo, 1978.
- ZILBERMAN, Regina. *Do mito ao romance: tipologia da ficção brasileira contemporânea*. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.